



ZÊNITE E NADIR

Marcelo Calderari Miguel
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo: Zênite e Nadir são travessia entre extremos: ápice e abismo, constelações e lacunas, liberdade e prisão. O “Zoomorfismo” ergue-se como Zênite, ápice da consciência neurodivergente, onde sentir intensamente e pensar fora dos moldes expressa uma potência selvagem. “Zoóide Vida” mergulha como Nadir, fundo da realidade, onde grades expõem o zoológico social e cada corpo resiste. Entre esses polos, cada verso é fissura, e o leitor encontra não conforto, mas confronto — revelando que o ser neurodivergente é visível e irreduzível.

Palavras-chave: Identidade coletiva; Transitoriedade social; Poética filosófica

Zenith and Nadir

Abstract: Zenith and Nadir are crossings between extremes: apex and abyss, constellations and voids, freedom and imprisonment. Zoomorphism rises as Zenith, the apex of neurodivergent consciousness, where feeling intensely and thinking beyond molds is a wild potency. “Zoöid Life” plunges as Nadir, the depth of reality, where bars expose the social zoo and every body resists. Between these poles, each verse is a fissure, and the reader finds not comfort but confrontation — revealing that the neurodivergent being is visible and irreducible.

Keywords: Collective identity; Social transience; Philosophical poetics.

I Zoomorfismo

Disseram-me cedo,
antes do nome,
antes do gesto,
antes de eu saber

que minha mente
não cabia em moldes.

Disseram-me baixo,
com doçura fingida,
que sentir alto era feio,
pensar diferente era erro,
calar seria virtude.

Disseram-me mansamente,
sem gritos —
mas a mansidão doía...

Era regra:
não balançar,
não interromper,
não existir demais.

Disseram-me inteira/mente,
como se dobrar fosse talento.
Nunca perguntaram
quanto de mim ficava pelo caminho
sempre que a mente se dobrava.

Disseram-me em público,
na escola, na fila,
na academia, no trabalho.
Taxavam de excesso
o que era apenas
uma forma distinta de existir.

E eu permaneci no desalinho —
inflexível, selvagem, sem pedir licença.

Fui corvo que observa cada detalhe,
golfinho que sente correntes invisíveis,
tartaruga que guarda o tempo secreto,
gato que se retira para compreender o mundo,
ouriço que se protege mas sente profundamente,
borboleta que transforma cada toque em sentido,
bicho que não cabe em vitrine,
instinto que não aceita coleira.

Fiquei com meu ritmo torto,
com minha escuta profunda,
com a idiopatia obstinada,
sem causa e sem remédio,
que insiste em permanecer.

Aprendi que meu silêncio
é anestésico e respiro,
é tradução difícil.

Minha astenia não é falha.
É excesso... E sinto demais —
por mim, por muitos, por nós todos.

E agora digo:
não me peçam normalidade.
Peçam escuta.
Não me ofereçam cura.
Ofereçam espaço.

Porque liberdade
não é ensinar a mente a caber.
Liberdade é deixar
que cada mente
se erga inteira,
como animal que rompe jaulas,
como instinto que segue selvagem,
zoomórfica — infinita — sem pedir desculpa.

II Zoóide Vida

À entrada não há aviso,
só o silêncio das grades,
parecem portas sem chave,
quem entra não volta igual,
o zoológico é espelho e desvio.

Abrem-se grades, não portas,
cedo pra quem quer sonhar,
o sol invade sem licença,
o corpo treme, a alma dança,
a vida insiste em lutar.

O leão ruge memórias,
força antiga, sangue e chão,
o tigre espreita o medo,
instinto cru, combustão,
a zebra veste disfarces.

O macaco quebra normas,
ri do mundo que não vê,
o elefante guarda história,
peso ancestral — também fé,
a ave ensaia liberdade.

O pinguim caminha lento,
o limite dita resistência,
a girafa mira o horizonte,
perspectiva é sobrevivência,
o hipopótamo se oculta.

O jacaré calcula passos,
espera o instante preciso,
a coruja vigia a noite,
olho atento, silêncio tenso,
o corpo aprende o compasso.

Cada jaula guarda um corpo,
cada olhar é lei e dor,
grade é prisão e partitura,

o público aplaude sem ver —
chamam de cuidado o aplauso.

Zoológico é vida inteira,
herança de dom e lei,
cada gesto está contado,
cada passo você crê,
há força que ninguém vê.

Chamam cela de cuidado,
chamam medo de prudência,
toda ordem que se impõe
é truque da existência,
a alma move resistência.

Quando a noite fecha os olhos
do vigia e do visitante,
o bicho sonha outro nome,
a memória é vibrante,
eco do sangue pulsante.

Não é fuga o que se move,
é força que insiste e chama,
um passo fora da linha
abre um mundo sem trama,
desafia toda prisão.

Se a grade não cai agora,
ela range em consciência,
não há cerca, lei ou norma
que contenha a essência,
nem destino, nem sentença.

Toda jaula é provisória,
o tempo desfaz seus limites,
quem floresce fora dos moldes
não cabe em nenhuma prisão,
nasceu — e nasce — infinito.